

MESTRE ZÉ RENATO: NARRATIVAS DE VIDA NA CAPOEIRA

José Olímpio Ferreira Neto
jolimpioneto@hotmail.com
História, Memória e Oralidade

RESUMO

Em 2008, o Ofício dos Mestres de Capoeira foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil. Desde então, pensa-se no desenvolvimento de ações de salvaguarda desse bem cultural que tanto é difundido, através da ação de capoeiristas, no país e para além de suas fronteiras. Este artigo se desenvolve dentro de um papel ativo de um praticante imerso nesse universo da expressão cultural brasileira. O presente texto é uma narrativa de vida do Mestre Zé Renato, o responsável pelos primeiros passos dessa luta de resistência, no formato institucionalizado, em terras alencarinhas. Essa pesquisa foi iniciada em 2012, com o intuito de conhecer um pouco mais da Capoeira que influenciou o signatário desse artigo, uma busca de conhecimento da própria origem. Ao imergir nas histórias de vida, através da leitura e rodas de conversa, percebeu-se a necessidade de conhecer os pioneiros dessa cultura, em solo cearense. Então, foi realizada uma entrevista com José Renato Vasconcelos que é a personagem principal dessa pesquisa e o alicerce dessa arte no solo de Iracema. O escopo desse artigo é contar a história de vida de um mestre da cultura cearense. Para concretizar o referido objetivo, foi realizada uma entrevista com o protagonista dessa história e uma pesquisa bibliográfica, utilizou-se da memória e oralidade como suporte dessa narrativa. Esse trabalho se desenvolve buscando o estudo da história cultural sob os alicerces da memória (LE GOFF, 2003) e história oral para contar a história de vida (VASCONCELOS, 2011) do Mestre Zé Renato, descrevendo assim, uma genealogia da capoeira cearense, além da utilização das pesquisas de Silva, R. C. (2012) e Silva, S. C. (2013), norteadores desse estudo, pois ambos aglutinam em seus trabalhos o que se propõe aqui, ou seja, a pesquisa da Capoeira a partir da história oral e narrativa de história de vida para construção da história da Capoeira local. Seguindo as veredas do Dr. Robson Silva (2012) e do Dr. Gerardo Vasconcelos (2009), além de Sammia Silva (2013), movido, sobretudo, pela necessidade de registro, tentou-se narrar os acontecimentos que habitam a memória do velho mestre que são importantes para perceber como essa luta brasileira, com um viés educativo, surgiu na terra da luz.

Palavras-chave: Capoeira Cearense. História de Vida. Mestre.

Introdução

A presente pesquisa iniciou em 2012, a mesma nasceu sob a ânsia de conhecer os passos históricos da Capoeira Cearense. A participação efêmera, convidado pelo Prof. Dr. Robson Carlos da Silva, o Mestre Bobby¹, no ano de 2011, no Núcleo de Pesquisa em História e Memória da Educação – NHIME da Universidade Federal do Ceará, sob a batuta do Prof. Dr. Gerardo Vasconcelos, pesquisador da Capoeira, foi o ponto de estímulo ao desenvolvimento do tema. Essa breve experiência, proporcionou a oportunidade de conhecer áreas de pesquisa como a história cultural, etnografia, história da memória, história oral e história de vida através da leitura de obras de autores como Le Goff (2003). Essa pesquisa se desenvolve com o intuito de conhecer um pouco

1 Amigo e mestre do signatário dessa pesquisa. Fundador da Escola de Capoeira Mestre Bobby – Teresina-PI.

mais da Capoeira que influenciou o signatário desse artigo, uma busca de conhecimento da própria origem. Ao imergir nas histórias de vida, através da leitura e rodas de conversa, percebeu-se a necessidade de conhecer os pioneiros dessa cultura, em solo cearense.

Inspirado pelos estudos de Robson Carlos da Silva (2012), no ano de 2012, foi iniciado um estudo sobre a História da Capoeira no Ceará. No mesmo ano, foram produzidos dois artigos, um intitulado *A história da Capoeira no Ceará nas décadas de 1980 e 1990 através da oralidade e memória* apresentado no *I Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas*; e outro intitulado *A história da capoeira cearense: Da visita de Mestre Bimba aos eventos intelectuais* apresentado no *XII Encontro de Pós-graduação da Universidade de Fortaleza*, os dois trabalhos foram de natureza qualitativa, usando o método bibliográfico. O objetivo foi realizar uma introdução ao tema, colhendo material bibliográfico sobre o assunto para, em seguida, ir a campo entrevistar os principais atores dessa trama.

Esses artigos chegaram às mãos do Mestre Zé Renato, o protagonista da história de vida narrada nesse texto, o mesmo procurou o signatário desse artigo para oferecer sua contribuição à pesquisa. O primeiro encontro aconteceu em 2011, apresentado pelo Mestre Chitãozinho, num evento do *Grupo Negaça Capoeira*², do Prof. Popó, hoje contramestre, integrante do *Grupo de Capoeira Confiança Brasil*. O mestre foi receptivo à ideia, porém os desencontros adiaram a entrevista. Em 2012, finalmente, acontece o encontro e a gravação da entrevista base desse texto. A entrevista foi gravada, transcrita, analisada e comparada com outras fontes. Desde então, a pesquisa se deteve no estudo da História de Vida do Mestre Zé Renato.

Como fruto desse estudo foram elaborados, apresentados e publicados os seguintes artigos: o primeiro intitulado *Mestre Zé Renato, Capoeirista: Iniciando Pesquisa sobre História de Vida* apresentado em setembro de 2013, no *XII Encontro Cearense de História da Educação – ECHE e II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação – ENHIME*; o segundo intitulado *História de vida do Mestre Zé Renato: um Tesouro Vivo cearense*, sob a orientação do Prof. Dr. Robson da Silva, apresentado em outubro de 2013, no *XIII Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade de Fortaleza*; e o terceiro sob o título de *História da Capoeira Cearense na Vida do Mestre Zé Renato* apresentado em setembro de 2014, no *XIII Encontro Cearense de História da Educação – ECHE e III Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação – ENHIME*. Esses textos foram desenvolvidos no intuito de produzir material que possa ser utilizado como fonte de pesquisa para outros pesquisadores e praticantes de Capoeira. Objetiva-se, como culminância da pesquisa, a produção de um livro que narre a História de Vida do Mestre Zé Renato.

2 O signatário desse artigo era, no momento da pesquisa, contramestre do Grupo Negaça Capoeira.

Localizada no campo da História e Memória da Educação, entendendo a Capoeira como uma prática cultural e educacional no cenário escolar cearense e para além deste, tenta-se narrar a História de Vida do Mestre Zé Renato partindo da seguinte indagação: Qual a importância do papel de José Renato Vasconcelos de Carvalho, o Mestre Zé Renato, para a genealogia da Capoeira no estado do Ceará, a partir de um viés educativo? A resposta que se pretende dar parte da voz do ator protagonista dessa história e dos textos escritos.

O escopo desse artigo é contar a história de vida de um mestre da cultura cearense e sua relação com uma prática educativa. Para concretizar o referido objetivo, foi realizada uma entrevista com o protagonista dessa história e uma pesquisa bibliográfica, utilizou-se da memória e oralidade como suporte dessa narrativa. Esse trabalho se desenvolve buscando o estudo da história cultural sob os alicerces da memória (LE GOFF, 2003) e história oral para contar a história de vida (VASCONCELOS, 2011) do Mestre Zé Renato, descrevendo assim, uma genealogia da capoeira cearense, além da utilização das pesquisas de Silva, R. C. (2012) e Silva, S. C. (2013), norteadores desse estudo, pois ambos aglutinam em seus trabalhos o que se propõe aqui, ou seja, a pesquisa da Capoeira a partir da história oral e narrativa de história de vida para construção da história da Capoeira local. Seguindo as veredas do Dr. Robson Silva (2012) e do Dr. Gerardo Vasconcelos (2009), além de Sammia Silva (2013), movido, sobretudo, pela necessidade de registro, tentou-se narrar os acontecimentos que habitam a memória do velho mestre que são importantes para perceber como essa luta brasileira, com um viés educativo, surgiu na terra da luz.

Como tanto afirma o velho mestre, através das papoeiras e do depoimento registrado, pelo signatário desse artigo, por pesquisadores e outros curiosos, esse texto se de uma resposta aos capoeiristas cearenses do passado e atuais. O intuito é satisfazer a curiosidade e informar. Sem a pretensão de querer ser o primeiro, de querer ser o dono da Capoeira (CARVALHO, 2013).

A entrevista, utilizada como base da pesquisa, foi realizada através da mediação de um capoeirista, chamado Camisola, realizado no dia 14 de janeiro de 2013, na oportunidade foi gravado um bate-papo de pouco mais de 75 minutos. Nesse encontro, o mestre narrou sua história de vida e expôs seu ponto de vista sobre essa arte afro-brasileira. Foram utilizadas duas fontes, a saber, a escrita, através dos estudos já produzidos sobre Capoeira e, sobretudo, sobre o referido personagem e a voz do próprio.

Capoeira me chamou, camará

A Capoeira, luta de resistência afro-brasileira, tem origem incerta, há alguns indícios de seu nascimento no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, (REGO, 1968), mas talvez, tenha surgido

em outros lugares, pois há registros de movimentos negros por todo o Brasil. No Ceará, essa discussão sobre sua origem também carrega consigo muitos questionamentos. Como foi dito acima, não se pretende dar uma resposta definitiva sobre o assunto, mas, apenas, narrar a História de Vida do Mestre Zé Renato. Nas palavras do mestre: “[...] *a gente fazia uma coisa amistosamente, sem esse, esse, essa ganância de querer ser o pioneiro, mas que na realidade nós estávamos sendo pioneiros*” (sic) (CARVALHO, 2013). A partir do exercício do ouvir, sem críticas ou falsos preconceitos, tenta-se narrar a história de homem, que, certamente, não foi o primeiro a jogar Capoeira em terras alencarinhas, mas, com passagem supostamente efêmera, como afirmam alguns, deixou um legado inestimável para o povo cearense. Uma Capoeira forjada dentro das instituições escolares da cidade de Fortaleza, com viés educacional que adentra e permanece, ainda hoje, em ambientes formais e não formais de ensino e do lazer, que colabora para formação de jovens, mas, ao mesmo tempo, desperta o espírito crítico e libertário, essencial nessa arte de resistência do negro-escravo-africano no Brasil.

Em vinte e quatro de maio
De cinquenta e um nasceu,
Em Crateús e cresceu
Na arte fazendo ensaio,
Para brilhar como um raio,
O artista Zé Renato;
Mestre em artesanato
E também em capoeira,
Essa luta brasileira
Feita por negros no mato (CARVALHO FILHO, 1997, p.01).

Ao conversar com Mestre Zé Renato percebe-se sua veia artística, detentor de uma memória inabalável, mesmo sofrendo problemas de saúde, narra em detalhes várias passagens de sua vida. Orgulha-se de ter nascido entre artistas da cultura popular.

[...] José Renato de Vasconcelos Carvalho é filho primogênito, dentre os sete irmãos que Joaquim Severiano Ferreira de Carvalho e Vivência Vasconcelos Carvalho criaram. José Renato conta orgulhoso a trajetória artística da família, afirmando que o lado materno da família eram todos artistas, tocavam instrumentos, cantavam... Inclusive dona Vivência, cujos talentos eram expressos pela voz e violão, além da confecção de bonecos de pano. A parte paterna da família era composta por exímios artesões do couro (SILVA, S.C., 2013a, p.56).

Devido essa veia artística participou ativamente de atividades escolares e comunitárias. Sempre estava envolvido com a arte, recitando poemas, cantando ou desfilando. Corria atrás do circo quando chegavam a Crateús, observava a montagem e até fazia aulas de saltos e malabarismo (SILVA, S. C., 2013a).

Por ter um corpo elástico,
Pensava em entrar para um circo.

Mas não quis correr o risco (CARVALHO FILHO, 1997, p.02).

É por volta de 1960 que chegam a Crateús muitos militares para o Quarto Batalhão de Engenharia de Construção, criado por decreto, com sede em João Pessoa-PB, com a finalidade de apoio à Engenharia no Nordeste (SILVA, S. C., 2013b). Através de Cipolati, sargento gaúcho, que havia morado na Bahia e ex-aluno de Mestre Bimba, o então garoto, José Renato inicia a prática da Capoeira.

Vem cá, menino! Aprender a jogar a Capoeira!

Conhecer as origens é o desejo de muitos. Dá norte para algumas pessoas. Orienta a jornada e os passos que serão dados. Conhecer como um Mestre de Capoeira iniciou desperta nos mais jovens uma identificação, motivação e interesse em ser protagonista dessa arte. Perguntado sobre sua entrada no mundo da Capoeira, o Mestre Zé Renato responde o seguinte:

Início? Na minha própria terra. Em Crateús, Ceará. Eles tinham um batalhão do exército. Que vinham muitas pessoas de fora. Oficiais, sargentos, tenente e tudo. E por coincidência tinha um oficial lá que tinha sido aluno do Mestre Bimba, né? Era baiano, aliás, ele era gaúcho, mas tinha passado um tempo na Bahia, tornou-se um admirador do Mestre Bimba e tal e passou algumas coisas para mim na época. E eu me apaixonei, porque eu era uma pessoa muito... muito ligada com o circo... (sic) (CARVALHO, 2013).

Conheceu os primeiros passos da Capoeira revestida por um contexto oficial, legal e metodotizado. Eram os fundamentos da Luta Regional Baiana, criada pelo Mestre Bimba para que a Capoeira pudesse sair de um contexto de ilegalidade e marginalização. Cipolati chega a Crateús com sua família, seus dois filhos Carlos e Evandro. O sargento treinava com os filhos e o menino Renato também passa a fazer parte daquelas atividades. Observava, sobretudo, sua característica artística. O envolvimento entre o ritmo, dança, jogo e ritual. O balanço do corpo na ginga e o envolvimento desse com a musicalidade e oralidade transmitidas respectivamente pelos instrumentos e cantigas. Foi o olhar artístico em relação à Capoeira que o incentivou a permanecer. Via naquela expressão cultural a junção de várias manifestações populares.

Eu gostava bastante. Meu sonho era ser um... um artista de circo, né? E... aí via a capoeira como uma coisa que tava em mim. Impregnou em mim, né? A capoeira porque tinha todo esse contexto, né? De arte, eu já nasci um artesão, a minha família é uma família de artesãos, de artistas, de cantores. Aí a gente... como nasci... nesse ambiente, né? E vi a capoeira com esse conjunto todo, né? Então daí, eu tive a sorte de também bem novo, com onze anos ir pra Bahia pra morar com um tio meu e lá quando eu vi mesmo a nata da capoeira (sic) (CARVALHO, 2013).

O mestre não seguiu o circo, continuou sua trilha pela Capoeira. Resolveu partir para

outras terras atrás de conhecimento sobre a arte afro-brasileira.

Menino, quem foi seu mestre?

Mesmo sendo de família de poucas posses, o menino Renato embarca numa viagem atrás de conhecer a Capoeira do Brasil, morou na Bahia, Maranhão e Rio de Janeiro. Foi, aos 14 anos de idade, morar com um tio e primo em Ilhéus-BA. Na primeira saída para conhecer o mar, depara-se com uma roda de Capoeira (SILVA, S. C. *et al.*, 2014).

Mestres Bimba e Pastinha são os grandes nomes que representam a Capoeira, este organizador da Capoeira Angola e aquele criador da Capoeira Regional. O Mestre Zé Renato sabia disso e foi atrás de mais conhecimento. Já usava essa estratégia para o aprendizado de outras artes. Sobre sua experiência com os mestres, narra o seguinte:

[...] uma vez quando eu tava na Bahia que eu fui entrar na academia de Bimba, ele deixou, eu jogava um pouco. Ou foi ele, eu não me recordo, ou se foi outra pessoa que estava lá na roda. Aí, quando ele disse: – Ei, vá lá pra Pastinha que você é angoleiro, aqui não tem Angola. Eu tava vendo também o surgimento da Capoeira Regional (sic) (CARVALHO, 2013).

O mestre fala de sua preferência pela Capoeira Angola, mas não recorda com pesar, nem encara como uma exclusão a orientação do Mestre Bimba. Fala que aceitou aquilo como um conselho vindo de um grande mestre. Segue falando da experiência:

[...] Aí, eu fui, conheci Pastinha e aqui acolá, ia ao Mestre Pastinha, já bem velho, bem decadente, mas com uma sabedoria imensa, então, tudo que me atraía a sabedoria, né? Eu ficava perto, por exemplo: - Eu sou um artesão em couros, em couro, eu via os grandes fazendo tela, tela, né? Gibão, essas coisas de couro. Então, eu ficava perto, ficava aprendendo assim como a Capoeira também. Eu me encostava nos grandes mestres, sabe mais velhos e aquilo eu aprendia as coisas que eu ainda acho que os mais velhos é quem tem que dá sabedoria profunda e nós que hoje é o contrário, que as pessoas se rotulam de músculos e tudo e usam a capoeira com outra prática que não é uma prática correta (sic) (CARVALHO, 2013).

Como foi dito acima, além da Bahia, o mestre passou por outros estados, entre eles, Maranhão e Rio de Janeiro. O jovem Renato tinha um espírito aventureiro e foi buscar em outras terras o conhecimento que não encontrava aqui.

[...] é importante ressaltar que, nesse período que passou na Bahia adquiriu uma meta na vida, que era partir para o Rio de Janeiro e posteriormente para o Maranhão. De volta a Crateús e à família, porém permanece por quase um ano na terra natal. Ao chegar o período do alistamento militar, cumpriu essa formalidade e conseguiu ser dispensado da obrigação. Logo em seguida, partiu para o Rio de Janeiro aos 18 anos de idade, devendo ter ficado nesse Estado por volta de três anos. No Rio, foi jogar capoeira na Central do Brasil com o famoso mestre Leopoldina, falecido em 2009. Conhecido por Ceará e pelo jogo diferenciado, Zé

Renato dedica-se ao aprendizado da capoeira em solo carioca, adquirindo novos conhecimentos (SILVA, S. C. *et al.*, 2014).

No Rio de Janeiro, talvez tenha sido sua experiência mais valiosa, pois foi onde conheceu o Mestre Leopoldina, grande Mestre da Capoeira, figura singular. Lá estudou teatro, desfilou em carnaval, mas sempre acompanhando a Capoeira.

Capoeira ele ia
Treinar com Leopoldina
Que achava gente fina
E de grande simpatia
Zé Renato adquiria
Com ele habilidade
Pois queria na verdade
Ficar capacitado
Conseguiu bom resultado
E muita praticidade.
(CARVALHO FILHO, 2010, p.06).

Depois foi ao Maranhão, uma oportunidade de trabalho por volta de 1968. Lá foi onde adentrou um pouco mais no universo da cultura afro-descente. Praticou a Capoeira Angola, Tambor de Crioula, dentre outras artes populares.

Todo esse tempo fora de sua terra natal foi fundamental para que se pudesse forjar a gênese da Capoeira Cearense. Uma manifestação cultural que atende a aspectos educacionais e carrega a negação do que está estabelecido, do sistema que individualiza e estimula o consumismo. A Capoeira Cearense é conhecida por ser uma Capoeira alegre, floreada, com continuidade, plástica. Também carrega um espírito beligerante suavizado por sua beleza. Foi com esse arsenal de conhecimentos práticos e teóricos que nasce os primeiros focos dessa manifestação com ares cearenses.

Ensinando a Capoeira

O Mestre Zé Renato retorna à Fortaleza no ano de 1972. Apenas com o segundo grau completo, mas com experiência na área artística, passa a dar aulas no Colégio Oliveira Paiva, como professor de educação artística. Esse colégio ficava ao lado do Mercado São Sebastião, no Centro de Fortaleza. “Nessa época havia um programa de televisão que tinha um quadro de gincanas entre colégios de Fortaleza. O programa chamava-se *Porque hoje é sábado*, na TV Ceará e era apresentada por Augusto Borges” (SILVA, S. C., 2013b, p. 198). Os ensaios para participar de uma dessas gincanas duraram dois meses que renderam uma bonita apresentação e ganhou o primeiro lugar. O resultado tomou repercussão, e, logo, foi convidado por Carneiro Portela para dar aulas no

Colégio Presidente Castelo Branco, que ficava na Avenida Dom Manuel. O Mestre Zé Renato, então, foi contratado como professor de Capoeira.

Em 1974, iniciou um trabalho no Centro Social Urbano Presidente Médici, onde formou o Grupo Xangô. Nesse local, inicia um processo de identificação com os discípulos. Foi lá que encontrou os maiores nomes de destaque formados por ele, a saber, Jorge Negão, Everaldo Ema, João Baiano e Zé Ivan. Corriam a cidade fazendo apresentações e rodas, no Passeio Público, em frente ao Jornal o Povo, em praças e escolas (SILVA, S. C. *et al.* 2014).

Ensinou em instituições educacionais formais e não formais de ensino. Trabalhou essa manifestação cultural de raízes africanas em escolas e centros sociais.

O mestre narra:

Em 1970, não existia aqui, dizendo popularmente, na época, não existia um pé de capoeira na nossa cidade. Quando eu comecei a... a mexer com a capoeira aqui foi uma necessidade porque na época eu ensinava educação artística em alguns colégios dentro de Fortaleza e a gente participava de gincanas, gincanas patrocinadas pela antiga TV Ceará e pediram na época uma atração que fosse da Bahia, que mexesse com a arte da cultura negra. Ai como eu mexia com capoeira. Eu... sabe duma coisa, vou começar a fazer alguma coisa [...] Já aprontava aqui algumas danças folclóricas e notava que esse povo de Fortaleza tinha ritmo [...] que havia uma facilidade do povo pegar a capoeira e a gente foi. Fizemos um trabalho de três meses para a gente montar. Eram golpes ensaiados, golpes ainda se arrastando, mas o pessoal pegaram logo o toque de berimbau, os cânticos, [...] com três meses a gente apresentou pela TV Ceará [...] aquilo foi se tornando assim popular dentro de Fortaleza. Se alguém antes tentou fazer a capoeira, não teve a sorte que eu tive de ter um instrumento como a TV [...] (sic) (CARVALHO, 2013).

A década de 1970, foi o ápice da jornada capoeirística e mística do jovem Zé Renato. Iniciou trabalhos, fundou grupo e formou alunos para trabalharem divulgando a arte em terras alencarinas e além mar. A mídia desempenhou papel relevante para sua divulgação. Mestre Zé Renato foi um autodidata, um educador nato. Trabalhava o construtivismo o método maiêutico mesmo sem intenção. Seus alunos eram protagonistas de sua aprendizagem. Ensinou com amor, paciência e dedicação a arte que abraçou.

[...] eu ensinava os golpes de capoeira, eles me ensinavam também, me mostrava também a maneira de gingar, né? A maneira de dançar. Então, a escola, a escola, a capoeira do estado do Ceará, ela começou como uma escola e ela, para quem entende de capoeira, ela é diferenciada de todo os estados do Brasil. A capoeira do Ceará, então tem aqui uma marca que eu também não sabia que era [...] (sic) (CARVALHO, 2013).

Mesmo fugindo da ideia de identidade, pensando ser algo perigoso que convida a comportamentos tendenciosos, fascistas e de exclusão, não se pode negar que a Capoeira Cearense

tem um “dendê³” especial, um diferencial que marca os capoeiristas dessa terra onde eles estiverem. O Mestre Zé Renato, a partir de sua vivência, foi um grande colaborador para essa mistura de jogodança em solo alencarino. Iniciou na Capoeira Regional, encantou-se com a Capoeira Angola, artista, artesão, acrobata. Esse é o alicerce da Capoeira Cearense.

As Escolas de Capoeira

O Mestre Zé Renato fundou mais de um Grupo de Capoeira⁴. Seu trabalho não teve uma linearidade, foi cheio de altos e baixos, mas nunca abandonou a Capoeira, ou talvez, a Capoeira nunca o abandonou. Mesmo nos afastamentos, não compreendidos por outros capoeiristas que gritavam por sua presença, seu dedo esteve lá. Talvez nem ele mesmo compreendesse esses afastamentos, deixou a Capoeira, mas a Capoeira não o deixou, assim como não sai de quem é um capoeirista.

[...] aonde eu ia, a capoeira pra mim é como se fosse o meu amuleto, né? Uma coisa que eu podia praticar ela sem... Ficar comprometendo a minha vida, o meu dia-a-dia, uma coisa... Aí que eu fui... Depois de muito tempo, foi que eu voltei a fazer um trabalho de capoeira, foi... Aí fundei um grupo aqui mesmo, no meu bairro... Alma Negra, onde surgiu alguns capoeiristas que estão por aí e depois deixei, deixei, porque... (sic) (CARVALHO, 2013).

Foram dois grupos, a saber, o Xangô e o Alma Negra, este na primeira fase, aquele na segunda. Depois, mesmo não fazendo mais parte de nenhum grupo, o mestre continua com sua presença em rodas e batizados. Muitos o convidam, pois sua presença tem um significado relevante para o imaginário dos capoeiristas mais jovens e é estimulante para os mais velhos. Como ele mesmo já repetiu em diversos espaços e conversas: - *A Capoeira é uma terapia!*

[...] Xangô foi o primeiro grupo [...] Xangô foi 73 em diante. [...] No início era só um grupo, mas sem nome. O Alma Negra foi, assim, de muita insistência que algumas pessoas queriam que eu voltasse e tudo. Voltei, aí depois de uns quatro anos... Fui acometido de uma... um problema de saúde, aí deixei pra lá. Aí, vim desde esse tempo. Venho com problema de saúde, né? Vim agora, assim, contribuir de uma maneira, por exemplo, trabalho que eu tou fazendo no, na região do Cariri... é mostrar pro pessoal que eles já tem a capoeira deles, tá entendendo? (sic) (CARVALHO, 2013).

Nessas idas e vindas, seus discípulos ficaram sozinhos. O Mestre Esquisito, mestre de renome, *apareceu para as bandas de cá*, e seus alunos passaram a serem orientados pelo mesmo.

3 Utilizado em muitas cantigas de capoeira como sinônimo de boa energia.

4 Grupos de Capoeira é uma denominação que foi usada durante muito tempo, e ainda hoje, para se referir a um grupo de praticantes guiados por um mestre. Esses grupos podem ou não ser formalizados com registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. Além da denominação “grupo” são chamados também de Associação, Fundação, Escola, Equipe, Companhia etc.

*Conta que Mestre Esquisito
Trouxe o estilo regional.
Essa história é real,
Mas como hoje se sabe,
Chegou dois anos mais tarde,
Aquele mestre legal.
(CARVALHO FILHO, 1997, p.13).*

Mesmo assim, ainda contavam com o apoio do mestre que sempre estava pronto a dar palavras de incentivo para que todos permanecessem e acreditassem na Capoeira. Foi assim que entrou a primeira graduação no estado do Ceará, vindo de capoeiristas de Brasília, com o Mestre Esquisito, discípulo do Mestre Tabosa. A sequência de graduações fica assim: azul, azul e branco, marron, marron e branco, verde, verde e branco, amarelo, amarelo e branco, roxo, roxo e branco, vermelho, vermelho e branco, branco (MORAES, 2014).

*Oh, pessoal, que tipo de capoeira que tá jogando? Ele disse que é Regional... Eu não posso mais influenciar vocês na parte de tipo de capoeira. É porque a Regional tá tomando conta do Brasil... Tá tomando conta da capoeira e vocês têm que seguir, pode aceitar que cor é o tipo dessa graduação? Amarelo, ops... Azul, Azul e branco... isso é... tem a ver com a capoeira, pode usar, foi assim, aí foi, aí foram se graduando... e eu observando, toda vida eles foram do meu lado, entendeu?... Existia naquele tempo fidelidade, coisa que hoje não existe, né? A fidelidade era muito grande, tanto é que eu formei mestre, só queria que eu... é... a formatura ele num aceitou de jeito nenhum, de ninguém, nem de Esquisito, nem de Tabosa, nem de ninguém, só aceitava se fosse eu porque eu é quem tinha botado eles no mundo da capoeira. Isso é uma coisa que eu tenho muito orgulho (sic)
(CARVALHO, 2013).*

A fidelidade que o mestre fala, realmente, hoje, encontra-se bem diferente, a busca dos capoeiristas que vieram depois do mestre, por mais conhecimento, por uma capoeira mais atlética e esportiva, fez com que muitos seguissem o mesmo caminho do mestre, viajaram, foram para outros estados aprender com outros mestres. Com um leque de oportunidades e cada vez mais com facilidade no deslocamento, os capoeiristas entram e saem de grupos. O que também não deixa de satisfazer a essência libertária da Capoeira, onde as pessoas têm a liberdade de tomar suas escolhas, por outro lado, talvez a relação mestre-discípulo esteja ficando cada vez mais fragilizada.

Os Discípulos do Mestre

Esses grupos fundados pelo Mestre Zé Renato foram palcos de aprendizado de muitos mestres que repassaram esses saberes a grandes mestres da atualidade e bons capoeiristas. Para o poeta popular, o mestre disse o seguinte:

O seu primeiro aluno
Foi Demóstenes, diz o Mestre. [...]

Fala o Mestre emocionado
De seus alunos antigos,
Todos eles muito amigos,
Sempre estiveram ao seu lado,
Devem ser lembrados,
Por serem co-fundadores
E todos divulgadores
Da capoeira tão boa, [...]
São eles Jorge Negão,
Everaldo e João Baiano, [...]
Do Marcio ele se lembrou,
Também do Sérgio e do Zé Ivan,
Com a mente muito sã,
De George me falou. [...]
Não se esqueceu de Juarez e Datim; [...]
De outro aluno que tem o nome de Antônio Luiz.
(CARVALHO FILHO, 1997, p.13 e 14).

Os versos de cordel falam dos alunos que passaram por suas mãos de mestre-educador⁵. Há quem não o ache um educador por conta de sua conduta particular. Era um boêmio que andava pelos bares da cidade. Porém, essa não é uma justificativa para desqualificar o seu trabalho. Na verdade, esse é o espírito do capoeirista, não se submeter a imposições, buscar a felicidade. Cada um tem o direito de procurar a sua, resistir a sua maneira aos ditames do que é imposto pelo sistema opressor. Seus discípulos formaram grupos e vários mestres. Entre esses, merece relevante destaque

A Associação Zumbi,
Do grande Mestre Everaldo,
Tem seus mestres associados;
Lula, Ulisses e Wladimir.
Mais três também são ali
Igualmente importantes,
Por levarem sempre avante
Seus sonhos, suas ideias,
São Júnior, Jean e Geleia,
Na capoeira gigantes.
(CARVALHO FILHO, 1997, p. 17).

Nem todos fazem parte da Associação Zumbi, hoje. O citados nutrem respeito pelo Mestre Everaldo e pelo Mestre Zé Renato, pois no convívio nas Rodas de Capoeira e nos eventos percebe-se esse sentimento de irmandade dessa família.

Hoje em dia tudo é diferente

As mudanças são inúmeras, algumas boas outras ruins, tudo depende de quem vê e por

5 Aquele que além de versado na arte do fazer e ensinar técnicas, também cuida do aluno, mais que um professor que ensina é um educador que transmite ensinamentos para a vida. Conceito inspirado no Jogador-estudioso proposto por Campos (2001)

onde vê. Mudanças recentes apresentam-se de diversas maneiras para os capoeiristas. Pensar nas continuidades e descontinuidades dessa arte nos últimos anos não é tarefa simples.

Em 2008, a Capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e registrada⁶ como Bem Cultural de Natureza Imaterial, a Roda de Capoeira e os Mestres de Capoeira foram registrados, respectivamente, no Livro das Formas de Expressão e no Livro dos Saberes, ambos elencados no Decreto nº 3.551/2000. Oriundos desse instrumento de proteção do patrimônio cultural, uma política de salvaguarda é desenvolvida. O Edital *Viva Meu Mestre*, uma dessas políticas de salvaguarda oriundas do registro, contemplou o Mestre Zé Renato, elencando o mesmo entre cem mestres no Brasil reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, autarquia do Governo Federal vinculada ao Ministério da Cultura (FERREIRA NETO, 2014, p. 02).

Depois do Registro da Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, um dos primeiros programas para atender essa proteção foi o Edital “Viva meu Mestre”, no qual o Mestre Zé Renato foi contemplado. Sobre o Edital “Viva Meu Mestre” e o “Tesouros Vivos”, o mestre se expressa da seguinte forma:

Olha, é o seguinte, foi legal, mas só não é mais legal, porque num, num tá havendo uma continuidade, né? Disso esse respeito dos grandes mestres, essas coisas é porque... se vê a Capoeira como elemento cultural forte que hoje... é... o futebol e a Capoeira são os representantes... o que mais representa o Brasil por aí a fora. Principalmente, a Capoeira porque as pessoas praticam Capoeira lá fora tem que aprender o português, pra se cantar em português, então tudo isso é uma propaganda, vamos dizer assim, muito forte, né? Nós somos os maiores representantes de propaganda de grátis, quer dizer... que um prêmio em dinheiro que a... a... que deu pra suprir só naquele momento e o resto do tempo e por que num... num valorizaram? Por que, por exemplo, aqui, no nosso estado que tem essa, esses valores dos mestres... [...] Contínuo, né? Que desse condição desses mestres que ele premiou, foram cem mestres. Desse um ordenado pra ele, de falar, o mestre tivesse essa missão de palestrar em cima dessa Capoeira que já existe, poderia melhorar muito... (sic) (CARVALHO, 2013).

A proteção do Patrimônio Cultural se processa da seguinte forma: primeiro o bem é identificado, depois reconhecido, o que acontece através de instrumentos jurídicos de proteção, e, em seguida, valorizado. A Capoeira, a nível Federal, encontra-se no terceiro ponto, estão sendo desenvolvidas ações para a valorização da Capoeira através da aproximação do IPHAN. A nível Estadual e Municipal, não acontece da mesma forma. A política cultural não tem agido de forma tão eficaz e não dá conta de contemplar as diversas linguagem. O mestre sofre os reflexos de uma política cultural que ainda engatinha no entendimento do patrimônio cultural. Poucos profissionais e muitas vezes desconhecimento do objeto de trabalho e da realidade local.

6 Para Cunha Filho (2000), o Registro é “uma perenização simbólica dos bens culturais. Esta perenização dá-se por diferentes meios os quais possibilitam às futuras gerações o conhecimento dos diversos estágios porque passou o bem cultural”.

O mestre trabalhou muito o viés cultural da arte. Antes, diz: “[...] *pensava muito na capoeira como folclore, né? Não como arte em si, não como esporte como pregam hoje, que tem gente que fala mais da sua parte esportiva do que na parte cultural dela*” (sic) (CARVALHO, 2013). O público leigo passou a entender a capoeira com o único viés esportivo. Hoje, é reconhecido, por lei, o viés esportivo e cultural da capoeira, além de outras nuances, conforme o Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288/2010.

Mensagem do Mestre Zé Renato

O Mestre Zé Renato é um exemplo de superação. Mesmo tendo atingido o ápice de sua carreira na Capoeira de modo efêmero, não abandonou essa arte. Continua sua jornada e é reconhecido pelos seus pares e agraciado com prêmios e reconhecimento público.

Diploma de congressista,
Zé Renato já ganhou,
Quando bem se expressou
Com suas teses realistas
De mestre capoeirista;
Capoeira é terapia [...]
(CARVALHO FILHO, 1997, p. 18).

Defende a Capoeira como uma Terapia. “Para quem está começando agora a jogar capoeira, [o mestre] sugere que vá atrás da história da prática e não apenas do jogo. Ressalta a importância desse aprendizado que faz parte da história do Brasil, contribuindo com a educação pelo lado cultural, físico e terapêutico” (SILVA, S. C., 2013b, p.202). Sua veia artística interpretou a Capoeira na sua forma de arte. Arte do amor e felicidade, capoeira não é problema é solução. Se o capoeirista está se aborrecendo na Roda de Capoeira, alguma coisa está errada, porque Capoeira é harmonia e paz. Jogo educativo, os ensinamentos do mestre são válidos para dentro e fora da roda.

Capoeira tem que ser uma coisa humilde, não tem, né? Não tem que ser estrela, achar que... ah, eu tou fazendo isso, eu sou maior; não, não é isso, não. Grandes mestres não faz porque não tem interesse... tem interesse próprio, né? Só tem interesse próprio, mas pra ajudar, ajudar a... a consciência do povo, ninguém tem. É muito complicado! Eu não tou aqui querendo dá uma de deus, nem de sábio, não... Mas como que... eu sou como capoeirista... eu tenho que tá defendendo a capoeira com ela é, e não como as pessoas querem. Tá entendendo? Eu quero a arte, tem que estar onde o povo está, né? Como diz o Milton Nascimento. Então, a capoeira também é instrumento... E contribuir com a cultura do povo... sob todos os aspectos mas principalmente com a cultura... É isso que penso, porque quando a pessoa, é, se sensibiliza com essa parte, aí você aprende a Capoeira e divulga ela como, mas a gente aí, que, é, encontra fácil, vem cá pro meu grupo que eu te dou uma corda... Vamos pro meu grupo que eu te formo... Não dá formação de jeito nenhum as pessoas... Não dá tempo nem das pessoas entenderem (sic) (CARVALHO, 2013).

O mestre trabalhou para formar pessoas para a vida e não apenas para o jogo. Percebe-se sua influência no trabalho de muitos de seus discípulos. O comprometimento com o outro e a solidificação do trabalho de anos.

Se alguém ainda contesta
Eu convido a repensar
Zé Renato ao Ceará
Trouxe a capoeira festa
É verdade manifesta
Que só dele é essa glória
Guarde isso na memória
Todo que tem boa fé
Assino no rodapé
Pois é verdadeira a história.
(CARVALHO FILHO, 2010, p.11).

Esse texto narrou, em parte, a História de Vida do Mestre Zé Renato, onde ele é o protagonista, mais divide o palco com seus discípulos, pois ele é assim. Mestre que ensina e aprende, assim como os grandes mestres que sempre afirmam a humildade e continuam aprendendo sempre.

Considerações finais

Tentou-se narrar alguns acontecimentos que habitam a memória do velho mestre que são importantes para perceber como essa luta brasileira, com um viés educativo, surgiu na terra da luz. O texto foi desenvolvido sem o intuito de ditar verdades, apenas ouvindo e repassando a História de Vida do Mestre Zé Renato, autoridade para falar sobre Capoeira.

A Capoeira é uma arte de múltiplos sentidos, o Mestre Zé Renato visualizou vários de seus sentidos, sobretudo, o cultural e artístico. Abordou essas nuances com profundidade, forjou seu trabalho a base de pesquisa em outros estados. Viajou para conhecer a Capoeira. Desenvolveu essa arte como uma prática cultural dentro de diversos espaços educacionais formais e não formais.

“Então, trocando em miúdos, eu vim pra cá. Misticamente, eu comecei a ensinar Capoeira, né? E todo esse estudo que eu fiz... Desde o começo, todo esse estudo que eu fiz da Capoeira... Eu considero como místico, entendeu? Porque, eu vim, assim, como tantos mestres, eu vim pra mostrar o meu trabalho” (sic) (CARVALHO, 2013).

Espalhou a Capoeira por terras alencarinhas, aprendida com os grandes mestres essa arte-jogo de resistência. Místico, mágico, mandigueiro, boêmio, Mestre Zé Renato é o grande Baobá da Capoeira Cearense.

Referências

BRASIL. **DECRETO 3.551 de 04 de agosto de 2000**. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC_3.551-2000?OpenDocument> Acessado em 04 de fevereiro de 2011.

_____. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm> Acessado em 25 de julho de 2012.

_____. Ministério da Cultura. **Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2007.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CARVALHO FILHO, José Bento de. **Capoeira: a história do Grande Mestre Zé Renato**. Literatura de cordel. Fortaleza – CE, 1997.

_____. **Capoeira no Ceará: A saga do Pioneiro Mestre Zé Renato**. Literatura de cordel. Fortaleza – CE, 2010.

CARVALHO, José Renato Vasconcelos. **Entrevista do Mestre Zé Renato concedida ao José Olímpio Ferreira Neto sobre sua história de vida**. 75 min. Fortaleza, CE, 14 de janeiro de 2013.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Direitos Culturais como direitos fundamentais no ordenamento jurídico brasileiro**. Brasília: Brasília Jurídica, 2000.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **A história da capoeira no Ceará nas décadas de 1980 e 1990 através da oralidade e memória**. In: I Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas, Fortaleza, UECE, 2012. Anais... Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos_completos/52-5434-26082012-231518.pdf> Acessado em 12 de maio de 2014.

_____. **A história da capoeira cearense: Da visita de Mestre Bimba aos eventos intelectuais**. In: XII Encontro de Pós-graduação da Universidade de Fortaleza, Fortaleza, UNIFOR, 2012. Anais... Disponível em: <<http://www2.unifor.br/encontros/PDFs/8735%20-%20Resumo.pdf>> Acessado em 04 de maio de 2014.

_____. **Mestre Zé Renato, Capoeirista: Iniciando Pesquisa sobre História de Vida**. Trabalho apresentado em setembro de 2013, no XII Encontro Cearense de História da Educação – ECHE e II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação – ENHIME, 2013.

_____; SILVA, Robson Carlos. **História de vida do Mestre Zé Renato: um Tesouro Vivo cearense**. In: XIII Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade de Fortaleza, 2013. Anais... Disponível em: <<http://hp.unifor.br/encontros2013/PDFs/15212%20-%20Resumo.pdf>> Acessado em 04 de maio de 2014.

_____. **História da Capoeira Cearense na Vida do Mestre Zé Renato**. Trabalho apresentado em setembro de 2014, no XIII Encontro Cearense de História da Educação – ECHE e III Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação – ENHIME, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Unicamp, 2003.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Biografia e História de vida: Pesquisa em debate**. In: MACHADO, Charliton José dos Santos [et al.] . O Barão e o Prisioneiro: biografia e história de vida em debate. Fortaleza, Edições UFC, 2011.

MORAES, Hélio Tabosa de. **2014 - soma - 7 “A Mística da Capoeira”**. Disponível em: <<http://mestretabosa.blogspot.com.br/2013/12/2014-soma-7-mistica-da-capoeira.html>> Acesso em: 07/11/2014.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico**. s/ed., Salvador, BA: Editora Itapuã, 1968.

SILVA, Robson Carlos. **As narrativas dos Mestres e a História da Capoeira em Teresina/PI: Do pé do berimbau aos espaços escolares**. Tese de Doutorado, Fortaleza, UFC, 2012.

SILVA, Sammia Castro. **Protagonistas no Ensino da Capoeira no Ceará: Relações entre lazer, aprendizagem e formação profissional**. Dissertação de Mestrado, Fortaleza, UFC, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6035/1/2013-DIS-SCSILVA.pdf>> Acesso em: 10/09/2014.

_____. **Zé Renato, Trajetória de Vida**. In: VASCONCELOS, José Gerardo [et al.]. Pesquisas biográficas na educação. Fortaleza, Edições UFC, 2013.

_____; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza. **A Capoeira no Ceará**. Fortaleza: EdUECE, 2014.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Na cadeia também se aprende a ler e a escrever: Histórias e Memórias de Francisco Siqueira de Lima**. In: MACHADO, Charliton José dos Santos [et al.]. O Barão e o Prisioneiro: biografia e história de vida em debate. Fortaleza, Edições UFC, 2011.

_____. **Besouro cordão de ouro: o capoeira justiceiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.